

Palestra do Guia Pathwork® nº 198
Palestra Não Editada
11 de fevereiro de 1972

TRANSIÇÃO PARA A INTENCIONALIDADE POSITIVA

Saudações, Deus abençoe todos vocês aqui presentes. Concentrem-se na dimensão que deseja agora comunicar sua plenitude e riqueza para vocês. Ela pode enriquecer vocês, se assim o quiserem. É uma questão de concentração e intenção. Peçam orientação interior para ajudá-los nesse sentido, para que a palestra desta noite seja mais uma vez proveitosa como mais um passo da sua busca.

Gostaria de discutir novamente – desta vez em nível mais profundo e com uma nova abordagem – a tentativa de vocês de transformar a intencionalidade negativa em expressão positiva. Muitos dos que estão no caminho já descobriram bastante coisa sobre a intencionalidade negativa. Finalmente vocês estão cientes de muito do que era anteriormente ignorado, negado, reprimido. Nem é preciso dizer como isso é importante, como é vitalmente essencial em qualquer caminho de autoconhecimento, autoexame e purificação. A maior parte da humanidade, como sabem, é totalmente inconsciente do que está por trás da aparente – ou também real – boa intenção, bem como por trás da aparente impotência. “Não posso evitar sentir isso ou aquilo” é, como sabem, a expressão de uma intenção negativa. Portanto, em comparação com esse estado alienado, ignorante do eu, aqueles que estão conscientes e admitem sua escolha deliberada de uma atitude negativa estão, de fato, consideravelmente à frente.

Mas, meus amigos, não basta ter consciência. É preciso mais. Falei em uma palestra recente que uma razão fundamental da dificuldade de transformar intencionalidade negativa em positiva é que, secretamente, o eu se identifica quase totalmente com a parte destrutiva. Assim, renunciar a essa parte da personalidade parece ser um perigo, um risco, uma aniquilação. A questão, nesse caso, é como proceder para mudar esse senso de identidade interior e sutil. Quando as expressões negativas não são admitidas ao eu, elas geram uma culpa, uma dúvida que fermentam e que, significam concisamente o seguinte: “Se a verdade for conhecida, sou totalmente mau. Mas como esse é o meu eu real, e como não quero deixar de existir, não posso renunciar a mim mesmo. Só posso fingir que sou diferente”.

Esse é um estado de alma devastador, no qual a confusão prospera e o verdadeiro senso do eu se perde cada vez mais. O conhecimento teórico e correto do intelecto pouco faz para aliviar essa situação dolorosa e perturbadora. Vamos falar com mais detalhes sobre o processo que recomendo para introduzir uma mudança.

O primeiro passo é perceber que a sua intencionalidade negativa não é realmente inconsciente, na acepção estrita da palavra. Não é absolutamente material profundamente reprimido. Na verdade, é uma atitude, uma expressão consciente, só que vocês preferem ignorá-la até finalmente “se esquecerem” de que ela existe. Quem desvia o olhar, sistemática e propositadamente, de alguma coisa, acaba realmente não enxergando o que está à sua frente. No momento em que o olho começa a adquirir foco de novo, o que está lá se torna imediatamente discernível. Esse material não é verdadeiramente inconsciente. Essa diferença é muito importante.

Mesmo agora, a maioria de vocês aceita, enxerga e admite parte dessa intencionalidade negativa, mas não toda ela. Vocês ainda preferem ignorar uma parte. Para tornar os aspectos remanescentes totalmente conscientes, e também para introduzir a mudança da intencionalidade negativa para positiva, é necessário que vocês examinem com cuidado esses padrões de pensamento cotidianos “pequenos e desimportantes” que passaram a fazer parte de vocês a tal ponto que dificilmente vocês prestam atenção neles. Esses processos de pensamento têm um poder enorme e precisam ser controlados. Muitos pensamentos e reações automáticas são tidos como normais, e vocês passam por cima deles. Seu considerável poder é ignorado, e eles ficam à solta. Uma reação de má vontade, de inveja, de ressentimento e atribuição de culpa pode passar despercebido, apesar de vocês estarem conscientes de outros aspectos da intencionalidade negativa presente. Mas o que é preciso explorar são essas pequenas e habituais reações e pensamentos.

Por exemplo, talvez vocês admitam sentir raiva ou ódio irracionais. Podem afirmar exteriormente que essas reações são irracionais. Mas alguma coisa em seu íntimo continua achando que “tem direito” a esses sentimentos, e se acha injustiçada. Vocês ainda reagem ao passado e transportam a reação ao presente. A dor passada, a angústia passada podem estar realmente reprimidas, na verdadeira acepção da palavra. Para tornar acessível a experiência real e direta, é necessário lidar com a defesa da maneira mais completa. A defesa é sempre, de uma forma ou de outra, uma intencionalidade negativa que não é verdadeiramente inconsciente. A dor passada, a experiência que vocês negam para si mesmos, passa a ser uma reação distorcida no presente. Essas reações precisam ser vistas como são.

Vamos supor que vocês estejam sentindo raiva e ressentimento em uma situação atual. Como eu disse, em geral vocês têm consciência e admitem que esse é o seu sentimento negativo, mas emocionalmente continuam achando que têm “razão” em relação à questão. Aqui pode haver uma grande confusão. Uma parte sente que as suas exigências e reações são injustificadas; outra parte está tão carente e exigente que reage como se o mundo devesse girar em torno dela, o que impede vocês de ver objetivamente a situação como um todo.

O que é preciso fazer, a essa altura, é colocar para fora o pensamento que fermenta em vocês, e examiná-lo com a parte de vocês que é madura. Vocês precisam seguir esse pensamento confuso até o fim e usar todos os seus recursos e atenção para ir mais longe no autoconhecimento. Assim, sentimentos negativos, com os pensamentos distorcidos que estão por trás deles, terão a contrapartida de pensamentos verdadeiros, maduros e realistas. Não que estes devam expulsar os primeiros para a parte oculta da mente. Isso deve ser estritamente evitado, e vocês que estão no caminho já sabem o suficiente para não caírem nessa armadilha. O processo precisa ser um diálogo consciente, como mencionei anteriormente a respeito do processo geral de meditação e purificação. É um processo de integração que acabará eliminando a divisão e estabelecendo uma identificação com o seu eu real, maduro, construtivo e autêntico.

Não é necessário apenas admitir as atitudes erradas, destrutivas, mesquinhas e irrealistas; o passo seguinte é saber exatamente por que e como elas são assim, de que maneira elas distorcem a verdade. Vocês poderão, então, discutir a situação real de forma inteligente, em vez de manter a visão infantil e distorcida. Se conseguirem fazer isso, se conseguirem primeiramente expressar o desejo, a intenção totalmente irracionais, a atitude totalmente destrutiva, e em seguida expressar de que maneira ela se opõe à realidade, à justiça, à verdade, se conseguirem fazer isso, seja qual for a

negatividade, vocês terão dado outro grande passo para transformar a intencionalidade negativa em positiva. Vocês terão removido uma defesa desnecessária, uma parede quebradiça, que os impede de viver a vida.

Assim, o pensamento adulto de vocês precisa expressar-se ao lado do pensamento infantil e destrutivo sobre a mesma questão na qual estão emocionalmente envolvidos. Isso vocês podem fazer, se quiserem de fato. Os processos de raciocínio de vocês em geral funcionam muito bem, se e quando vocês querem. Os processos de pensamento normalmente são muito desenvolvidos e podem ser colocados a serviço do processo de purificação. Somente então os sentimentos podem começar a mudar – isto é, os sentimentos reais, os sentimentos já existentes, podem ter permissão para se manifestar.

É absolutamente necessário que vocês saibam quais são as ramificações e a importância das atitudes falhas: por que, por exemplo, sua raiva, sua hostilidade, seu ciúme, sua inveja, suas exigências injustas e unilaterais são verdadeiramente injustas. Somente então vocês também entenderão que a raiva pode ser justificada. Somente então vocês a vivenciarão de maneira limpa, sem culpa, sem dúvida, sem fraqueza, sem todos os demorados efeitos maléficos. O ciúme e a inveja nunca são justificados, nunca são reações saudáveis – e vou falar mais sobre isso. Mas sentir raiva e mágoa pode ser algo justificado. No entanto, enquanto vocês não sabem claramente se a raiva é injustificada, não há como evitar o sentimento de confusão. Vocês sempre oscilam entre culpa e ressentimentos: entre autonegação, autorrejeição, e negação e rejeição dos outros, da vida; entre medo e atribuição de culpa. Por um lado, vocês procuram tranquilizar as dúvidas por meio da montagem de uma argumentação metódica; por outro lado, ficam paralisados pelo medo e pela fraqueza, e incapazes de se afirmar. Vocês ficam igualmente fragilizados e confusos em situações nas quais expressam exigências irracionais, infantis e, posteriormente, quando as exigências não são satisfeitas, expressam a intenção destrutiva; ou em situações em que vocês deveriam defender seus direitos pelo bem da verdade. Muitas vezes, ambas as expressões existem em uma só situação, o que torna tudo ainda mais confuso. A mente de vocês, sozinha, não consegue solucionar esses conflitos. É preciso admitir primeiramente os elementos destrutivos, mas em seguida a mente precisa confrontá-los e contrabalançá-los, entendê-los e corrigi-los.

Se a inteligência adulta é usada apenas para racionalizar a confusão dolorosa, para montar uma argumentação de defesa, para justificar a própria situação, para não ter de admitir a intenção destrutiva, nesse caso não se ganha nada. Mas se a mente adulta é usada para lançar luz sobre as exigências irracionais, para deixar claro que elas são irrealistas e injustas e que as reações emocionais resultantes são destrutivas para todos os envolvidos, nesse caso se ganha muito, e a verdade da situação acaba aparecendo.

Esse é o trabalho que os aguarda na próxima fase do caminho. Vocês fizeram um bom avanço ao admitir a intencionalidade negativa parcial. Mas com muita frequência essa admissão passa a ser, ela mesma, uma sutil via de escape. Quando vocês apenas admitem um sentimento destrutivo muitas e muitas vezes, sem ir mais fundo e examiná-lo, sem saber por que e como ele é errado, vocês encontram mais uma porta de saída. Vocês parecem estar fazendo o que é certo, mas na verdade recusam-se a ir mais longe, a ir até o fim.

As tentações do mal são muito sutis. Toda verdade pode ser posta a serviço de uma distorção. É por isso que é preciso haver muita vigilância, e também é por isso que fazer o que é certo, em si,

nunca é uma garantia de ser verdadeiro e estar em harmonia com a lei universal. É por isso que as regras e a teoria da verdade e a lei sempre foram distorcidas pelas forças do mal. Não existe uma fórmula única para os proteger disso. Essa proteção só pode ser dada pela sinceridade do coração. E essa sinceridade do coração, essa boa vontade, precisa ser cultivada sempre e sempre. Ela vem da limpeza espiritual da revisão diária e da meditação, do compromisso com o mundo de Deus, de verdade e amor, de honestidade e integridade. Quando existe vontade de respeitar a decência, a verdade, o amor e a justiça mais que do que as aparentes vantagens do pequeno ego fútil, temeroso, contido, a libertação de vocês prosseguirá com firmeza. Quando isso é feito nos níveis interiores que vocês estão contatando agora, por meio deste trabalho – não apenas superficialmente no nível do ser exterior – a purificação é muito profunda.

Assim, muitas vezes vocês admitem, livre e honestamente, sentimentos destrutivos, de ódio. Mas também muitas vezes vocês continuam sem saber por que eles são tão destrutivos. Todo sentimento que não é uma expressão da verdade total da situação em questão é destrutivo. É por isso que os problemas e efeitos precisam ser avaliados e entendidos. Vocês precisam ter clara consciência dos aspectos em que apresentam desequilíbrio em termos de sentimentos, reações e raciocínio interior (muitas vezes secreto). A admissão de sentimentos negativos pode ser uma fuga se for feita da boca para fora – talvez porque seja o que se espera de vocês naquele momento – sem o verdadeiro conhecimento de toda a questão.

Vamos voltar agora aos sentimentos de ciúme, inveja e competitividade. Por que eles nunca, nunca são sentimentos ou reações emocionais justificados? Quase todos os seres humanos, em certa medida e em algum grau, têm esses sentimentos totalmente irrealistas. As crianças têm esses sentimentos em relação a um dos pais, aos irmãos e aos colegas. Os adultos têm esses sentimentos com relação ao que os rodeiam. Sempre que outra pessoa tem ou sente algo que elas não têm, entram em cena o ciúme, a inveja e a competitividade.

Por que esses sentimentos são irrealistas? São irrealistas porque o raciocínio que está por trás se assenta na premissa de que o universo tem um suprimento limitado de coisas e experiências desejáveis, e que portanto o que outra pessoa recebe está sendo tirado de vocês. Isso não é absolutamente evidente e claro na mente de vocês – nem mesmo na mente adulta, para não falar das emoções vagas e confusas que vocês sentem, sem saber qual é seu significado. Como eu disse antes, já é um progresso considerável o fato de vocês conseguirem admitir esses sentimentos, coisa que não faziam antes. Mas esse não é o passo final. Agora, vocês precisam aprender claramente por que e de que maneira esses sentimentos são ilusórios e destrutivos. Talvez vocês conheçam algumas das palavras da verdade, mas não refletem de fato nessas palavras nem fazem com que elas influenciem esses sentimentos negativos.

No momento em que vocês acreditam na premissa de que têm razão em se sentirem privados porque outra pessoa tem o que vocês não têm (isso é, ciúme e/ou inveja), vocês também negam o fato de que são vocês que se separam daquilo que poderiam ter. Não são os outros que fazem isso a vocês. Vocês podem até saber, em um compartimento diferente da mente, como vocês agem, pensam e sentem, para no fim se sentirem privados; podem ter atingido esse grau de consciência no caminho; podem admitir que não querem correr o risco envolvido, pagar o preço necessário para ter aquilo que uma parte de vocês anseia e outra parte nega. Mas continuam sem fazer a ligação entre isso e a sua inveja, a sua ansiedade pelo fato de outros poderem ter mais, ou seu ressentimento por eles terem mais.

Assim, seria bom examinarem as suas áreas de ciúme, inveja e competitividade bem de perto; se vocês admitirem invejar alguma coisa, que vocês negam; se examinarem como negam, de que maneira rejeitam aspectos que são necessários para a “aquisição” do objeto da inveja; se perceberem que outros, que vocês invejam, evidentemente cumpriram a lei natural inerente a toda experiência criativa. Quanto mais fizerem isso, mais profundo será o seu entendimento de que o universo concede um bem ilimitado a todas as entidades que estiverem abertas para receber. Portanto, nada precisa ser invejado.

Quando vocês sentem inveja, vejam como deliberadamente arruinam a sua felicidade, sua oportunidade de concretizá-la, por causa de uma ou outra atitude que resulta em um determinado comportamento. Vejam como vocês se fecham e conservam as atitudes negativas que impedem a realização. Vocês não fazem a ligação entre essas atitudes e o vazio e a insatisfação que sentem. Portanto, vocês ficam mais amargurados e acham que têm ainda mais direito ao ressentimento e à negatividade.

Pois bem, a percepção da responsabilidade de vocês pelas suas próprias necessidades insatisfeitas não deve e não pode levar as intenções negativas outra vez para o campo oculto. Uma das mais importantes atitudes para adquirir respeito próprio e aceitação de si mesmo é a capacidade de admitir o erro sem se sentir sem valor e indigno de ser amado. Essa é a grande luta. O homem acredita que para ser uma pessoa honrada e digna de amor ele nunca pode errar. Essa crença provoca muita perturbação e confusão. É possível admitir a destrutividade sem se sentir irremediavelmente sem valor.

Quando vocês sentem ciúme e inveja, carecem de fé na realidade universal. Essa realidade consiste em uma abundância ilimitada desde que abram o coração, a mente, a consciência, as faculdades de recepção. Mas quando vocês ficam presos à intencionalidade negativa, é impossível serem receptivos. A receptividade é parte integrante da intencionalidade positiva. A negatividade e a receptividade, portanto, excluem uma à outra. A pessoa negativa, portanto, fica constantemente privada. Parece a ela que o mundo exterior é o responsável pela privação, mas na realidade ela mesma se separa da realidade de abundância sempre disponível.

A competitividade (que é uma variação do ciúme e da inveja) também parte da premissa errada de que para determinar o valor de alguém, deve-se medir e comparar o eu com os outros. Isso também é uma distorção completa da realidade. Nenhum ser humano pode ser medido e comparado com os outros. Por maiores que sejam suas conquistas, por mais que ele seja adequado, criativo e realizado, ele não é melhor nem mais que os outros; não é privilegiado, escolhido, favorecido. Simplesmente utilizou suas faculdades criativas mais do que vocês, que o invejam; talvez ele tenha encontrado seu nicho na vida, seu lugar, sua realização, seu centro, enquanto vocês continuam negando e lutando contra estar no seu centro, contra a concretização do seu potencial.

Assim, vocês se colocam na posição mais despropositada de todas, a de negar as riquezas do universo e depois duvidar do universo e de suas leis naturais, cujo objetivo é apenas proporcionar a vocês o que há de melhor em termos de realização, de expansão, de alegre autoexpressão. Vocês, intencionalmente, duvidam e negam a abundância (sob o disfarce de considerações intelectuais), e no entanto, por dentro invejam o que os outros possuem.

Quero frisar que o fato de vocês entenderem as atitudes contraditórias e destrutivas da inveja, ciúme, ressentimento, competitividade, atribuição de culpa, não devem levar esses sentimentos outra vez para o inconsciente. Eles precisam permanecer na superfície e ser enfrentados como são, até vocês conseguirem verdadeiramente alterar essas correntes de energia. Não se esqueçam, nem por um momento, de que cada um desses sentimentos é um consumo de energia. Essa energia desperdiçada não funciona a favor de vocês, e sim contra, de uma maneira que vai trazer mágoa e privação, pois vocês cavam um fosso entre si mesmos e a riqueza da criação.

A finalidade desta palestra é motivar vocês a, com muita tranquilidade, observarem, investigarem, medirem, examinarem, avaliarem suas intenções destrutivas e entenderem por que e de que forma elas são negativas e, em seguida, qual é a correspondente atitude verdadeira e realista. Peçam orientação e inspiração para esse processo. Peçam ajuda para sentir cada vez mais a abundância do universo. Dessa forma, vocês não precisarão lutar com a pequena mente e pegar, agarrar e tomar com uma mão, negando e rejeitando com a outra. A negação e a rejeição expressam desconfiança. O movimento energético da rejeição e negação é um enclausuramento, que impossibilita totalmente que o universo chegue até vocês e lhes proporcione suas riquezas. Ele não pode proporcionar essas riquezas. O universo só pode proporcionar suas riquezas quando vocês estão abertos e receptivos. O universo é tão rico, tão fértil, tão maleável pelo poder da mente criativa que pode lhes dar qualquer coisa que vocês se permitam receber, desde que essa doação não viole a lei do amor.

Da primeira vez que vocês passarem para esse estado receptivo, também precisam estar preparados para deixar sair o que está dentro de vocês. Estar aberto e receptivo significa estar sem defesas, com descontração interior, sem tensão, sem medo do que poderá vir – do seu íntimo, ou do exterior. Se vocês temerem e procurarem afastar a dor, por exemplo, se não souberem que podem sentir medo sem se desintegrarem, vocês não poderão passar para um estado de espírito e de mente aberto, sem defesas, descontraído. Se vocês se protegerem contra um sentimento ou experiência desagradáveis, automaticamente terão atitudes negativas, isto é, maléficas.

Portanto, o primeiro passo para adquirir uma atitude receptiva é deixar sair o mal que existe em vocês; deixar de negá-lo, perder o medo do eu destrutivo. Depois disso, vocês podem sentir dor. Ao perderem o medo do eu, da dor, do mal, vocês estarão no estado adequado de receptividade. Se a consciência, nesse momento, preparar-se ativamente para as riquezas do universo, conceber tudo que ele contém de expressões e reivindicações específicas, vocês verão que participam da abundância do universo na exata medida dos seus desejos.

Saibam que a abundância do poder criativo à sua disposição transcende todas as limitações que vocês parecem encontrar. Seja qual for o obstáculo com que se depararem, se vocês conseguirem acreditar que a força divina criativa pode eliminá-lo, ele será eliminado. Não se trata de um poder mágico que trabalha para vocês, sem torná-los profundamente responsáveis pelo processo de criação. Ao contrário, é um processo legítimo que envolve vocês totalmente e torna-os responsáveis por si mesmos. Por exemplo, se vocês duvidarem que podem superar uma atitude má entranhada, essa dúvida criará necessariamente um obstáculo aparentemente insuperável para a sua purificação. Mas se vocês assumirem a responsabilidade por esse mal, sabendo que são uma expressão do poder divino que pode criar qualquer coisa que desejarem, a purificação será alcançada. Quanto mais vocês souberem disso, mais rápido acontecerá.

Abram-se para deixar sair o que está dentro de vocês e entrar no que o universo está pronto para lhes dar. Isso significa que o que sai de vocês também precisa ser investigado, como expliquei nesta palestra. Coloquem no mesmo plano os sentimentos e a mente. Investiguem o significado do sentimento, a validade e a realidade por trás do sentimento – isto é, a validade da premissa que embasa uma reação emocional. Repito que não basta saber vagamente que um sentimento é destrutivo e irrealista. Esse conhecimento vago mantém uma crença por trás dele, que precisa ser trazida à tona, reconsiderada, entendida exatamente, e por fim alterada. Toda atitude destrutiva é uma expressão de um juízo de valor, e é preciso esclarecer muito bem a exatidão ou falsidade desses juízos de valor. Vocês precisam ter muita clareza sobre as interpretações que dão a determinadas reações, e precisam saber o que é verdadeiro e o que é falso. Procurem descobrir a realidade quando acontecem essas pequenas reações emocionais, que passam despercebidas, às quais em geral vocês não dão atenção. Não deixem que elas passem em branco. Usem tempo e concentração, descontraidamente, para dedicar a esse aspecto do trabalho do caminho.

A dúvida só pode ser eliminada quando vocês se dão a possibilidade de testar uma atitude de confiança. Mas se vocês apenas admitirem a desconfiança, sem ir mais longe para ver o que ela significa, por que é errada, que alternativa seria possível, vocês não saem do statu quo. Esse é o caso de muitos de vocês neste ponto do caminho. Vocês podem dizer “Sim, eu sinto ódio, inveja, amargura, culpo os outros, faço exigências irracionais”, ou seja o que for. “Sim, tenho despeito, quero destruir, sou invejoso, quero ter tudo sem dar nada.” Mas se vocês não examinarem o significado mais profundo, se não entenderem plenamente como são irrealistas as premissas, crenças e interpretações, vocês não poderão abrir mão da negatividade defensiva e viver a vida. Vocês precisam examinar o raciocínio inerente aos sentimentos de despeito, desconfiança, inveja, hostilidade, etc. Examinem o pensamento e as conclusões inerentes a esses sentimentos, porque essas conclusões estão apenas na cabeça de vocês.

Os seres humanos têm toda espécie de pequenos pensamentos todos os dias e todas as horas da vida. Eles não prestam atenção a esses pensamentos, que no entanto significam muito. O pensamento tem muito poder. O pensamento cria. Os seus pensamentos, assim como muitos dos seus sentimentos, criam os seus atos e as suas experiências. Eles criam o seu estado de corpo, mente, alma e espírito.

A intencionalidade negativa que discutimos recentemente e trouxemos à superfície é, portanto, uma realidade nítida. É um processo criativo – negativo, mas tão criativo quanto o da experiência positiva. Vocês continuam não desejando ver isso, mesmo quando admitem a intencionalidade negativa. Vocês admitem que deliberadamente querem manter e perpetuar a expressão negativa na vida – em algumas áreas da vida, não em todas, naturalmente. Mas quando vocês negam o efeito que isso tem sobre os outros, vocês também são cegos para o efeito da negatividade dos outros sobre vocês. Esse é um estado de grande dor e confusão. Essa interação só pode ser resolvida quando vocês sabem claramente qual é a sua parte, inclusive o efeito que ela tem e a distorção que é em comparação com a realidade. Na medida em que vocês negam e ignoram o efeito que têm sobre os outros, nessa exata medida vocês sentem, vagamente, uma inquietação. Vocês ficam confusos quanto à negatividade dos outros que chega até vocês. Não sabem o que tudo isso significa. Sentem alguma coisa e oscilam entre ressentimento e culpa, como eu disse antes. A falta de clareza a seu próprio respeito os deixa cheios de dúvidas quanto a si mesmos, o que por sua vez os torna fracos, atemorizados, erradamente assertivos, e erradamente não assertivos.

Nesse estado, vocês são incapazes de diferenciar a negatividade real por parte dos outros em relação a vocês e uma atitude dos outros que não é absolutamente negativa, mas simplesmente inconveniente para vocês. Vocês ficam tão ressentidos, sentem-se tão injustamente tratados ou ofendidos como quando as pessoas efetivamente são más e invejosas por causa da intencionalidade negativa delas. No entanto, quando vocês se conhecem, também sabem a diferença entre essas duas possibilidades nos outros, e reagem adequadamente a essas duas experiências inteiramente diferentes. Como as coisas são agora, vocês são incapazes de diferenciar esses dois fenômenos. Portanto, muitas vezes procuram “afirmar seus direitos” quando na verdade não permitem que os outros afirmem os deles, e querem ser apenas uma criança ambiciosa, exigente, insensata. Por outro lado, vocês ficam igualmente cegos à negatividade dos outros e procuram, falsamente, apaziguá-los, sabendo apenas vagamente que alguma coisa está errada. Talvez vocês sintam ressentimento e revolta, mas esta não é uma reação limpa e clara que vem do profundo autoconhecimento e entendimento da realidade interior.

É extremamente importante vocês entenderem e usarem como gabarito essa confusão na interação com os outros. Quando vocês têm clareza a respeito de si mesmos, não se perturbam com a negatividade e destruição dos outros em relação a vocês. Vocês sabem do que se trata; podem ficar zangados, mas não confusos, fracos, culpados, temerosos, nem se sentem diminuídos ou arrasados. Da mesma forma, quando a outra pessoa expressa sua vida, seus sentimentos, seus direitos, que podem não coincidir com os desejos de vocês, vocês saberão aceitar esse fato. Em primeiro lugar, vocês saberão de fato como a sua raiva é injustificada, mas depois, se o entendimento de vocês for real, a raiva vai desaparecer, e vocês deixarão os outros em paz, mesmo que isso interfira nos seus desejos.

O bebêzinho, então, não fará mais reivindicações como “tudo para mim e minha vontade, não ligo para os outros”. Essas reivindicações precisam ser expressas, mas é preciso saber que elas são profundamente irrealistas e destrutivas – e como e por que são irrealistas e destrutivas. É somente quando essa consciência for plena e límpida que vocês serão livres e se libertarão da confusão terrivelmente dolorosa que mencionei anteriormente: a confusão sobre os outros na convivência com vocês. Vocês deixarão de ter dúvidas sobre quais devem ser as reações adequadas aos outros.

Essa é a maneira de atingir o estado de estar disposto e ser capaz de abrir mão da intenção negativa e sua expressão na vida; essa é a maneira de fazer a transição para a intencionalidade positiva. A expressão positiva, por exemplo, é deixar de ter inveja, porque vocês podem desejar obter o que ambicionam, e estão preparados para pagar o preço correspondente. Vocês querem examinar de que maneira vocês buscam um determinado resultado, rejeitando as condições desse resultado. Para isso, cultivem esse raciocínio: “Isso basta para mim. Eu posso deixar que os outros tenham. Que tenham. Será que quero mesmo isso? Faço o que é preciso para obter o que invejo? Quero realmente me empenhar em obter aquilo que invejo nos outros? Se eu não me empenho, tenho o direito de tomar isso do outro, de invejar isso no outro”? Depois, vocês podem orar para ter a capacidade de amar corretamente a esse respeito: deixar que os outros tenham suas alegrias. Vocês devem tratar os outros exatamente como tratam a si mesmos. Isso vocês já sabem. Mas o inverso é igualmente verdadeiro: vocês tratam os outros como tratam a si mesmos. Se vocês deixarem que os outros tenham seja o que for, com generosidade e justiça, subitamente vocês vão descobrir que podem permitir-se o mesmo privilégio. A grande ansiedade que vocês ainda sentem quando se expandem e se abrem para o universo desaparecerá aos poucos, às vezes repentinamente. Vocês serão capazes de conter o universo venturoso, que constantemente vibra em seu íntimo e à sua volta.

Ele instrui vocês constantemente. Vocês reconhecerão a voz da verdade e do amor. Sentirão a manifestação da rica alegria – mas não enquanto o seu coração e a sua mente forem pequenos e mesquinhos; não enquanto vocês não quiserem permitir que os outros tenham; não enquanto vocês restringirem suas forças positivas numa atitude de medo, desconfiança e despeito. Mas quando vocês conseguirem dar o passo que representa risco e confiança – confiança em Deus – e exprimirem abertamente essa confiança no mundo de Deus, vocês conhecerão a alegria da realidade.

Chegou o momento, meus amigos, em que mais e mais de vocês podem dar esses passos de transição – não mediante a negação do mal e da dor que está por trás dele, mas dando os passos realistas que transformam o mal. Vocês se permitirão sentir plenamente todos os sentimentos e darão poder à sua própria consciência para determinar a vida que querem levar. Vocês têm medo desta ou daquela experiência? Vocês podem criar imediatamente uma nova situação, afirmando para si mesmos: “É realmente necessário ter medo? É possível sentir essa alegria, autoexpressão criativa, prazer, ou, a princípio, dor e angústia, medo e desespero, de uma maneira segura e inteira? Reivindico a capacidade de passar pelo segundo grupo de sentimentos para chegar ao primeiro”.

Isso é criação positiva em ação. Isso pode ser feito. Peçam orientação interior em cada passo do caminho, para deixar vocês alertas e conscientes, para não empurrar para o inconsciente aquilo que precisa ser trabalhado. Dessa forma, vocês não só conhecerão cada centímetro do seu ser, mas também sentirão e saberão que o medo é uma ilusão e que o universo é um “lugar” de riqueza e alegria.

Todos vocês que receberam a força especial hoje, aceitem-na e deixam que ela se junte ao seu próprio poder, pois o poder é um só. O poder que vem daqui vai apenas ajuda-los a abrir os canais para que a sua própria força criativa possa extravasar.

Vou deixá-los agora com essa energia. Meditem a respeito dela; trabalhem com ela; abram-se como vocês têm feito cada vez mais nesses últimos meses. Deixem que essa energia os envolva e os faça avançar para onde precisam ir. Deixem que a inspiração venha, para que todos os que estão aqui esta noite possam expressá-la à sua própria maneira. Sejam um canal para que essa energia possa ajudá-los no próximo passo do caminho, estejam onde estiverem, seja qual for o significado para cada um. Digo a todos vocês, na meditação a seguir, procurem expressar sua confiança no universo; procurem pensar que vocês podem de fato ter abundância, alegria, realização na sua vida, na sua encarnação – e que a realização traga profunda paz. Sejam abençoados, todos vocês, meus queridos!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.